

jogo. Assim, não apenas houve aqui precedência nos tipos soltos de metal como na xilogravura.

Da Impressão Régia, por outro lado, começaram a sair artífices, ao mesmo passo que, em 1809, construía-se o primeiro prelo de madeira e, no ano seguinte, anexava-se uma fundição de tipos. Nesse mesmo ano, ao que parece, surgiu a arte da gravura, provavelmente com artífices trazidos por frei José Mariano da Conceição Veloso da oficina metropolitana que dirigia, permitindo a impressão de obras em que aquele recurso era indispensável, como os *Elementos de Geometria*, de Legendre⁽²³⁾. Desenhistas, gravadores, tipógrafos começaram a aparecer, feitos aqui ou vindos de fora. O monopólio da Impressão Régia era oneroso a quantos precisavam imprimir qualquer coisa, e entre estes estavam principalmente os comerciantes. A própria *Gazeta do Rio de Janeiro* acabaria publicando anúncios do tipógrafo baiano Silva Serva, com oficina ali desde 1811, que prometia “preços cômodos e boa letra inglesa”, recebendo encomendas da Corte. Depois da revolução do Porto, apareceram outras oficinas: o processo da Independência se acelerava; com o regresso da Corte a Lisboa, os acontecimentos começaram a suceder-se rapidamente e, em consequência, surgiriam as condições políticas para a imprensa periódica autêntica, embora modesta. Com as condições políticas, ampliavam-se as condições materiais.

Em 1821, realmente, surgiram mais duas tipografias no Rio de Janeiro, a Nova Tipografia e a de Moreira e Garcez. No ano seguinte, o da Independência, instalaram-se mais quatro: a de Silva Porto e Cia., de Felizardo Joaquim da Silva Moraes e Manuel Joaquim da Silva Porto, oriundo da Impressão Régia e livreiro; a de Santos e Sousa; a do *Diário do Rio de Janeiro*, de Zeferino Vito de Meireles, também oriundo da Impressão Régia; e a de Torres e Costa, de Inocêncio Francisco Torres e Vicente Justiniano da Costa. Na Bahia, desde 1811, funcionava a de Manuel Antônio da Silva Serva, permitida por Carta Régia de 5 de janeiro daquele ano e onde foi impresso, a 13 de maio, o *Prospecto da Gazeta da Bahia* e a *Idade de Ouro do Brasil*. No Recife, o comerciante Ricardo Rodrigues Catanho importou, em 1815, oficina tipográfica para cujo funcionamento

(23) Em 1808, a Impressão Régia começou logo a imprimir livros: naquele ano, as *Observações Sobre o Comércio Franco do Brasil*, de Silva Lisboa; em 1809, além do citado livro de Legendre, publicou o *Tratado de Trigonometria*, do mesmo Legendre, os *Elementos de Algebra*, de Euler; em 1810, o *Ensaio Sobre a Crítica*, de Pope, a *Marília de Dirceu*, de Gonzaga, o *Preâmbulo do Ensaio Filosófico e Político Sobre o Ceará*, de Silva Feijó, o *Tratado de Aritmética*, de Lacroix e o *Tratado Elementar de Física*, de Haüy; em 1812, várias traduções do francês e a da obra de Adam Smith, os *Ensaioes Morais* de Pope, e a segunda edição do *Uruguay*, de Basílio da Gama. Até 1822, saíram de seus prelos, segundo Vale Cabral, 1154 trabalhos, incluindo avulsos e opúsculos. A *Corografia Brasílica*, de Casal, saiu em 1817.